



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

## **HISTÓRIA E ANÁLISE DE DISCURSO NA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA**

Polliana de Luna Nunes Barreto<sup>388</sup>  
Patrícia Helena Carvalho Holanda<sup>389</sup>  
Francisca Geny Lustosa<sup>390</sup>

### **RESUMO**

Neste artigo nos dedicamos a relacionar a Análise de Discurso enquanto escolha teórico-metodológica em investigações de cunho histórico. Tratamos das aproximações entre conceito de História por Foucault (1997) e a História Cultural, ao mesmo tempo discorremos acerca das expectativas dessa escolha teórica. Essa comunicação surge das leituras interdisciplinares que subsidiam uma pesquisa de Doutorado vinculada a Linha de História da Educação Comparada no Programa de pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, pesquisa essa que tem por objetivo compreender como se dão as produções discursivas/circulação de ideias (imprensa, escola, religião) que intencionaram fabricar/produzir representações de feminino na região do Cariri e suas repercussões nos espaços da família, da educação e da sexualidade.

**Palavras-chave:** História, Discurso, Cultura.

### **INTRODUÇÃO**

Esses escritos são resultados parciais da minha pesquisa de doutorado vinculada ao programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC-FACED), na linha de pesquisa História da Educação Comparada, eixo Família, Sexualidade e Educação. O objeto central de estudo desse projeto são as produções discursivas/circulação de ideias (imprensa, escola, religião) que intencionaram fabricar/produzir representações de feminino na região do Cariri cearense e os impactos de tais representações nos papéis esperados e/ou ocupado para e pelo feminino, identificando quais as repercussões nos espaços da família, da educação e da sexualidade.

Aqui nos dedicamos a relacionar a Análise de Discurso enquanto escolha teórico-metodológica em investigações de cunho histórico. Tratamos das aproximações entre conceito de História por Foucault (1997) e a História Cultural, ao mesmo tempo discorremos acerca das expectativas dessa escolha teórica.

<sup>388</sup>Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Docente do curso de História da Universidade Federal do Cariri.

<sup>389</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. Email: profa.patriciaholanda@gmail.com.

<sup>390</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. Email: franciscageny@yahoo.com.br.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

A fim de relacionar o discurso católico com os aspectos inerentes às representações do feminino, que se constitui uma das fases de nossa investigação, buscamos fontes que ao se relacionar com a temática apresentam evidências do problema, assimilamos mão de uma fonte biográfica escrita por um sacerdote católico sobre uma mulher vítima de violência doméstica e atualmente símbolo da santificação popular no Cariri cearense.

Em uma das visitas de campo tivemos contato com a obra Luzi: Mártir do Ceará de autoria do Pe. Neri Feitosa, nos debruçamos sobre esse documento tendo como alicerce teórico a História Cultural e a análise de discurso foucaultina. A opção metodológica privilegia os aspectos qualitativos do documento trazendo à tona as formações discursivas presentes no catolicismo relacionando as condições de existência do discurso numa perspectiva histórica.

Considerando a organização do *corpus* tratamos de definir recorte (Orlandi, 2005) e identificar enunciados (Foucault, 1997) separando e interlaçando mutuamente esses dois aspectos. Neste artigo trazemos o debate que se elaborou durante as leituras que subsidiaram a escolha pela Análise de Discurso enquanto percurso teórico-metodológico.

## **O DISCURSO E A HISTÓRIA**

Considerando a forte contribuição da teoria filosófica de Foucault para uma reflexão sobre a relação entre história e discurso, compreendemos que a interface entre a análise de discurso foucaultina vem ao encontro da teoria constituída pela História Cultural e que alicerça o projeto de investigação que desenvolvemos. Assim ao ter contato com as fontes percebemos a necessidade de esmiuçar os discursos a partir de uma categoria de análise que buscasse um sentido histórico na constituição dos valores propagados por esses discursos, os localizando numa perspectiva histórica e cultural.

Para Foucault (1997) ao reconhecer os enunciados que compõem o discurso como instáveis e resultado das heterogeneidades da realidade os reconhecemos como objeto de luta regulados por uma ordem que se define no cotidiano através das lutas políticas. A análise do discurso para Foucault (1997) se assemelha a uma análise histórica, a nosso ver de modo muito próximo da História Cultural, para o filósofo discurso é o “(...) conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência (...)” (FOUCAULT 1997, P. 135-136).



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Ao tomarmos como base a análise de discurso a partir de sua teoria trazemos à tona uma História que admite rupturas, transformações e descontinuidades, os processos econômicos e sociais, os quais em perspectiva ampliada podemos chamar de cultura. Esses aspectos impactam a história, a fazem e são feitos por ela num movimento heterogêneo e não linear. Foucault se afasta da noção de História tradicional constituída para essa disciplina e conduz suas análises considerando a história descontínua.

Para Pesavento (2005) o discurso de Foucault no Collège de France em 1970 obrigou os historiadores a se pronunciar e em certa medida contribuir para aprofundar o debate no campo da história social, na medida em que advogou por buscar desvendar a micropulverização dos poderes diz a autora:

(..) Michel Foucault dizia supor que em toda sociedade a produção de discursos estava controlada por procedimentos de classificação, avaliação, divisão, separação e limites. Uma cultura se instalava pela partilha e atribuição de significados e o que cabia estudar era justamente o jogo de elaboração dos discursos, constitutivos daquilo que se chamaria o real. Com isso, Michel Foucault punha em xeque o próprio princípio que embasava a história social : o que devia ser estudado era a realidade. Ora, para Foucault não haveria separação entre texto e contexto, e aquilo que se convencionava chamar de real era dado por objetos discursivos, fixados historicamente pelos homens. (PESAVENTO, 2005, P.72)

A cultura vem desde a segunda metade do século passado se reconfigurando como fio condutor para o entendimento da história dos grupos humanos. Em substituição a ideia de cultura enquanto construção da elite e da superestrutura, a cultura se apresenta como o conjunto de símbolos e saberes partilhados e que configuram o estar em comunidade. Essa guinada no entendimento da Cultura vem ampliar os horizontes de análise na historiografia e dar continuidade a um processo de elaboração histórica plural e multifacetada. Sobre História Cultural diz Pesavento (2005):

Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, como o faz Lynn Hunt, é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura. Não se trata de fazer uma História do Pensamento ou de uma História Intelectual, ou ainda mesmo de pensar uma História da Cultura nos velhos moldes, a estudar as grandes correntes de ideias e seus nomes mais expressivos. Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo. (P.8).

Na medida em que a História passa a valorizar os aspectos do cotidiano as subjetividades das fontes passam de “defeito” a possibilidades, especialmente com o alargamento do debate na segunda metade do século XX que amplia possibilidades para a História Cultural, e nessa esteira os conceitos de representação e apropriação ganham o centralidade. Roger Chartier vem na década de 80 advogar pela necessidade de analisar o social “em conexão com as diferentes utilizações do equipamento intelectual disponível” e propõe um estudo da cultura a partir dos conceitos de “representação” e “apropriação”.



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Longe de tentar ser globalizante e narrativa a História para Foucault tem por fim interpretar fatos considerando as entrelinhas dos acontecimentos e a teia de relações, valores e sentidos que interferem nesses mesmos fatos. Para ele a História é descontínua e relacionada fortemente à cultura.

É bom lembrar que Foucault não se pretendeu historiador, embora poucos tenham demonstrado um sentido histórico tão forte quanto ele. Afinal, muito antes do sucesso da “história cultural”, o filósofo insistia na ideia nietzschiana de que “tudo é histórico”, e, portanto de que nada do que é humano deve escapar ao campo de visão e de expressão do historiador. (RAGO, 1995, p. 3).

Na busca de compreensão de um fenômeno como o processo de constituição de representações sobre o feminino devemos considerar as condições históricas para o surgimento das práticas discursivas e de seus objetos, trabalhamos um conjunto de enunciados que se apoiam numa mesma formação discursiva, relacionamos esse discurso com os outros objetos e as condições históricas que viabilizam o aparecimento desse mesmo discurso que está em análise. Conforme aponta Foucault (1969, p. 135) “Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”.

Para Pêcheux ([1975] 1988, p. 160-161) formação discursiva “é aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito”. Igualmente Foucault (1969) compreende que a formação discursiva enquanto conjunto de enunciados não se reduz à questões de ordem meramente linguística mas relacionam-se diretamente com uma regularidade na forma de ideologia, ciência e teoria.

Para Orlandi (2007) o discurso se constitui em um teia complexa de produção de sentidos e de constituição de sujeitos que são elaborados no bojo de um processo histórico, mais do que de mera transmissão de informação, há um caráter ideológico nesse processo. Assim, o discurso só é possível através da língua, contudo, não apenas o que é dito está no campo da análise, mas também o que não é dito.

Importante destacar que há um campo teórico bem delimitado ao observamos a Análise de Discurso, contudo do ponto de vista metodológico cabe ao pesquisador desenvolver o instrumental mais adequado à investigação tendo como alicerce a base teórica de Análise de Discurso. Para Orlandi (2005) não há discurso sem sujeito, e todo sujeito se vincula a uma base ideológica, logo, não há discurso sem ideologia. O discurso se constitui em meio a um interdiscurso que se aproxima da memória, está relacionado com o mundo da cultura e o que do que o indivíduo se apropria guarda e num dado momento passa a ter condições de acionar para elaboração do discurso,



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

o intradiscorso por sua vez está no campo da interpretação, e os dois influenciam-se mutuamente e constituem a constituição dos discursos. Diante das explicações da autora, vemos que cabe perfeitamente uma análise de discurso concatenada com a História Cultural, considerando que não há discurso, interpretação e memória fora da cultura e historicamente não situado. Para a autora:

[...] O fato é que há um já-dito que sustenta a possibilidade mesma de todo dizer, é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, a sua reação com os sujeitos e com a ideologia. A observação do interdiscorso nos permite, remeter o dizer da faixa a toda uma filiação de dizeres, a uma memória, e a identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos. (ORLANDI, 2005, p. 32).

Pesavento (2005) por sua vez chama a atenção para o trabalho do historiador que deve estar atento aos traços secundários, aos detalhes e aos elementos que aparentemente estão apagados, deve-se ir além do que é dito. A História Cultural demanda essa postura a partir de uma leitura da fonte, para além do que ela diz por si só em memória é ferramenta tanto para a análise histórica quanto para a análise de discurso.

É preciso não tomar o mundo – ou as suas representações, no caso – na sua literalidade, como se elas fossem o reflexo ou cópia mimética do real. Ir além daquilo que é dito, ver além daquilo que é mostrado é a regra de ação desse historiador detetive, que deve exercitar o seu olhar para os traços secundários, para os detalhes, para os elementos que, sob um olhar menos arguto e perspicaz, passariam despercebidos. (PESAVENTO, 2005, P.85)

Em parte da nossa investigação tratamos de modo específico da Igreja católica e de seus discursos sobre o feminino, contudo, essa prática discursiva não está encarcerada à um instituição, se desdobra na relação com o todo, se fragmenta, se transmuta e se relaciona com os demais espaços sociais. Para o Foucault (1997) as instituições introjetam as formas de controle através de normas gerais capazes de reger mas também hierarquizar, punir, certificar e recompensar comportamentos, a noção de discurso é então empregada como

Um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1997, p. 43).

Na nossa análise mais que fazer afirmações sobre as características da biografada ou dos demais sujeitos que compõem a rede comunitária, buscamos compreender de que modo o discurso fortalece regras de conduta, valores que segundo a instituição devem ser propagados.

Partimos do entendimento do discurso institucional e não individual, não é o Pe. Neri Feitosa quem fala por excelência, apesar de reconhecermos a existência de sua subjetividade, por outro lado consideramos o cruzamento de seu discurso individual com os valores institucionalmente propagados pela doutrina católica, considerando sua vinculação com código moral católico-cristão.

[...] certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É



## **Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

A prática discursiva não é inerente a um código bem delimitado como a política, a ciência ou a religião, porque a prática discursiva sofre retroalimentação de vários espaços sociais, ela é formada de maneira heterogênea e para Foucault (1997) se explica como:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 1969, p.136)

Considerando os aspectos discutidos até aqui podemos ainda lançar mão do pensamento de Pêcheux (1988):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. [...], não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas. [...] Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam. (PÊCHEUX, [1975] 1988, p. 160)

Para ele, análise do discurso não pode ser dissociada dos aspectos sociais, culturais e econômicos de uma dada sociedade onde esse discurso é elaborado, deve-se evitar o apagamento ideológico e considerar todas as nuances que interferem na constituição do sentido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intenção dessa comunicação foi a de apresentar ao leitor as aproximações dos conceitos trabalhados por Foucault (1997) com a ideia de história à luz da História Cultural, ao mesmo tempo em que traçamos as nossas percepções ao lidar com a teoria que alicerça nossa investigação sobre representações do feminino.

Ao nos debruçar sobre as leituras aqui expostas nos convencemos da relevância da vinculação teórica de nossa investigação à obra foucaultina, por considerar a aproximação do conceito de História construído pelo autor ao conceito de história consubstanciado na História Cultural ainda pela contribuição da Análise de Discurso para a compreensão das questões atinentes ao processo de constituição de representações. O seu modo de elaborar uma investigação acerca da sociedade na condição de filósofo contribui de fortemente para análises históricas, seu método filosófico é pautado na pesquisa histórica.

Ao lidar com as fontes impressas e orais temos contato com interdiscurso e o intradiscurso que impacto na construção do discurso formação por enunciados que são mais do simples signos mas que se apresentam como resultado de formações discursivas variadas que se retroalimentam,



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

cabendo ao investigador relacionar esses conceitos à demais práticas no campo social a fim de compreender a produção, ajuste, aplicação e influência dos discursos na realidade.

## REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção Primeiros Passos).
- CARDOSO, C; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. 2º ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FALCI, MiridanKnox. Mulheres do sertão nordestino. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2007.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.). **Pós-Modernidade e Política**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1991 (pp. 217-250).
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de Gênero e sexualidade**. UFSC. 2014 Disponível em <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/artigos/> . Acesso em 19/04/2015.
- LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, São Paulo, 2003.
- ORLANDI, EniPulcinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- RAGO, M. **The effect-Foucault in Brazilian historiography**. Tempo Social; Rev. Sociol. São Paulo, v. 7, n.1, p. 67-82, October. 1995.